

Diogo, o menino de Abril

“TENHO VERGONHA DE NUNCA TER VOTADO”

Durante anos, o menino loiro que simbolizou o fim da ditadura pensava que a revolução não tinha sido coisa boa. Envergonhava-se daquela imagem espalhada pelas ruas, ele a colocar o cravo numa espingarda. Hoje vive longe dessas memórias, emigrado numa Londres onde o 25 de Abril não existe

Texto de **FERNANDA CACHÃO** Fotos de **NUNO MIRANDA**

Há 30 anos foi o menino de caracóis loiros, cuja figura reguila se esticava para colocar o cravo numa espingarda de Abril. A fotografia tornou-se o símbolo da revolução, mas o miúdo de roupa esfarrapada, descalço, fotografado por Sérgio Guimarães (ver caixa) saiu de Portugal mal atingiu a maioridade. Foi estudar em Londres e apaixonou-se por uma inglesa. Trabalha lá e espera o primeiro filho, que nasce no início de Maio.

Diogo Bandeira Freire, o menino da revolução, tem 33 anos, vive numa casa de tijolos vermelhos com um jardim, na margem Sul do Tamisa. Vive a vida à inglesa: deixa o Audi A3 estacionado à porta, para não ter de pagar cinco libras de portagem para entrar no centro da cidade e vai de transportes públicos pa-

ra o emprego. Leva numa lancheira o que comerá ao almoço. E trabalha como ‘financeiro controlador’ sete horas e meia por dia numa empresa de tecnologia.

Lembra-se de alguma coisa da sessão fotográfica em 1974?

Tinha três anos, por isso as minhas memórias são escassas. Lembro-me vagamente de uma sala bastante escura. A primeira memória que tenho do ‘poster’ é



olhá-lo pendurado na rua ao pé da casa dos meus pais e pensar: o rapaz que ali está, sou eu.

Quando cresceu associava o momento a uma alguma coisa especial?

Não. Tentava não falar muito do assunto.

Porquê?

Durante algum tempo houve polémicas em relação ao 25 de Abril, muito por causa daquilo que aconteceu a seguir. Em criança, a minha sensa-

ção era que a revolução não tinha sido uma coisa boa. Quando aos 15 anos recebi um convite para dar uma entrevista, é que percebi que teria de haver alguma coisa de especial naquilo.

Mas na escola falaram-lhe do 25 de Abril e da revolução...

Sim, mas nunca disse nada sobre a fotografia. E mesmo a seguir a dar a entrevista, ninguém me fez perguntas. Não sei porquê. Eu nunca disse, nem nunca ninguém me perguntou absolutamente nada.

Aborrecia-o que lhe pedissem entrevistas ou que lhe falassem sobre o assunto?

Sim. Não percebia muito bem qual era o fascínio. Não escolhi fazer a fotografia; fui eu como podia ser outro qualquer.

Quando hoje olha para o retrato do miúdo loiro que põe o cravo no cano da espingarda, o que pensa?

Olha, lá estou eu! Nos últimos anos, alguns amigos vêem o ‘poster’ e acham muita piada. Para a minha mulher, que é inglesa, é um espectáculo que eu seja o miúdo da fotografia. Ela está a aprender português e vai fazer um projecto sobre o 25 de Abril –penso que é para mostrar



O português símbolo de Abril no jardim londrino da sua preferência. Ali não há cravos, mas sim tulipas

o marido. Na verdade, a razão de eu não querer dar entrevistas é que saí de Portugal aos 18 anos.

E não tem muita noção da realidade do país.

Não, não é propriamente isso. É um bocado irónico que o miúdo, o símbolo de Abril, tenha saído do País.

E porque é que o símbolo de Abril saiu do País?

Para fazer gestão de empresas numa universidade no Norte de Inglaterra. Os cursos eram melhores e duravam só três anos, ao passo que em Portugal são cinco. Porque é que para ser médico se leva seis anos e para se ser gestor cinco? Não tem muita lógica. Não percebo porque é que os cursos em Portugal têm de ter todos pelo menos cinco anos! Em Inglaterra fiz dois anos e depois fui um ano para o Brasil e voltei para terminar a formação. Acabei por ficar.

Porquê?

Posso dar imensas desculpas mas na verdade fiquei em Inglaterra porque conheci a minha mulher, Kerry, no último ano da universidade.

Já tentou voltar?

Há dois anos quando acabei uma especialização, eu e a minha mulher achámos que poderíamos viver em Portugal. Os meus

amigos deram-me uma lista das empresas de recrutamento portuguesas e enviei currículos. Cheguei a ir de propósito a Portugal para tentar arranjar um emprego porque não queria voltar sem trabalho.

E o que é que aconteceu?

Nunca recebi oferta de emprego, nem uma carta, absolutamente nada.

Nada?...

Nada. O problema é que só queria trabalhar numa empresa internacional porque

das empresas internacionais têm esta área sedeada em Madrid ou Londres.

O que o levou a querer voltar?

Nunca pensei que quando ia, era para a vida. Tenho saudades do País e dos meus pais. Estou aqui há 15 anos mas as saudades de Portugal permanecem.

Sente saudades de quê?

Da família, é óbvio. Depois do tempo, da comida, de ouvir falar português. É difícil explicar. Acho que as saudades são co-

"Foi arrogância presumir que, por ter estudos e experiência profissional em Inglaterra, seria fácil arranjar emprego em Portugal"

se a experiência em Portugal não desse certo, poderia regressar a Inglaterra e manter o emprego. Foi por isso que não tive ofertas de emprego. O leque de opções era curto.

Porque havia poucas empresas internacionais em Portugal...

Fiquei espantado! Arranjei uma lista das 100 maiores europeias e depois escolhi aquelas onde gostaria mais de trabalhar. Das 30 que escolhi, 25 não tinham sucursal em Lisboa. Depois porque trabalho em contabilidade e finanças e a maior parte

muns a todas as pessoas que emigram. Elas estão lá, e com os anos não diminuem. Fiquei muito abalado por não ter conseguido emprego. Se calhar, foi arrogância minha presumir que, por ter estudos e experiência profissional em Inglaterra, seria fácil arranjar emprego em Portugal.

Tem uma imagem precisa de Portugal?

Devo dizer que tenho imensos complexos de culpa por não me esforçar mais a acompanhar o que se passa no meu país. Vou a Portugal quatro ou cinco vezes por ano e então tento pôr-me ao corrente. Noto que



tem mudado imenso e para melhor. Embora o meu pai se farte de barafustar e mandar-me 'e-mails' com notícias comentadas pela negativa. Mas, mantenho, mudou muita coisa desde que saí.

Em que aspecto?

Lisboa está mais cuidada e é como outra capital europeia. A única coisa que parece não estar melhor – pelo menos assim o dizem – é o mercado de trabalho. Sei de várias pessoas que perderam o emprego.

O que o impressiona mais na actualidade portuguesa?

O número de estádios construídos para o Euro2004. Fiquei pasmado! Não sei bem quanto é que o Estado pagou ou se pagou tudo, mas acho incrível. Eram precisos tantos estádios?! Depois, é claro, os casos da pedofilia.

E os ingleses? O que pensam eles de nós?

Acham que os portugueses são extremamente amáveis. Em Londres, o País está na moda. Em qualquer concurso radiofónico, o prémio é uma viagem a Portugal. Os restaurantes portugueses estão cheios. Ir a Portugal Road, ao mercado, é moda. E o filme 'Love Actually' ('Amor Acontece') foi extremamente popular.

Mas esse filme dá uma imagem muito estranha dos portugueses...

Não sei se os portugueses ficaram ofendidos, mas a verdade é que ajudou a des-

A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

Em Maio de 1974, Sérgio Guimarães disse a Pedro Bandeira Freire e à mulher que queria que eles lhe dessem 80 contos e o filho mais novo. Sérgio, maquetista contrariado e fotógrafo por paixão tinha tido a ideia de fazer um 'poster'. Num estúdio das Olaias fotografou Diogo descalço, de camisa amarela esfarrapada. A primeira edição, feita na Casa Portuguesa, uma gráfica do Bairro Alto, correu depressa as ruas e tornou-se num ícone da revolução.

Mas não demoraria muito para o autor da fotografia, entretanto, falecido, ceder – ou vender – o negativo ao PCP. O menino passa a viver sobretudo nas edições Avante. "Em 1975 vieram cá uns tipos da RDA para conhecer a criança pobrezinha. Mal sabiam que essa criança era filha de um burguês. A arte tem dessas coisas", diz Pedro Bandeira Freire, o poeta que naquele mesmo ano abriu o cinema Quarteto, em Lisboa.

pertar o interesse pelo País. O curso de português que a minha mulher frequenta tem 12 pessoas; dessas só duas estão casadas com portugueses. O resto está a estudar porque quer conhecer a língua ou ir viver para Portugal.

Acompanha a situação política inglesa?

Sim. Apesar de todas as polémicas, acho que o Blair está para ficar.

Se pudesse, votaria nele?

Votaria porque não há alternativa. A participa-

ção na guerra do Iraque não é aquilo que vai fazer as pessoas votarem ou não em Blair.

A intervenção no Iraque é positiva?

Percebo porque é que as pessoas estão contra. Há outros ditadores e outros problemas no mundo, porquê o Iraque? A questão é que as sanções das Nações Unidas não eram contra o Saddam, nem a família dele, mas contra a população. Se nós achamos que temos o direito de impor aquelas sanções, qual é a diferença? Por isso tenho uma certa dificuldade em dizer que a guerra foi péssima.

Então a guerra foi um mal menor?

Fico sempre a pensar que talvez pudesse ter sido resolvido de outra forma.

Em Portugal, qual é o seu sentido de voto?

Tenho de me esforçar para saber mais sobre política portuguesa. Não sei o suficiente para votar em consciência.

E já votou alguma vez?

Não.

Acha que a política é uma coisa colateral na vida das pessoas?

Não, não acho. Porque é que eu nunca votei? Essa era uma das perguntas que tinha medo que me fizesse. Tenho imensa vergonha de nunca ter votado.

Porquê?

É uma responsabilidade, um dever enquanto cidadão. E é por isso que tenho vergonha, se toda a gente tivesse uma atitude apática destas não haveria democracia.

"25 de Abril, sempre." O que significa para si?

Nunca pensei nisso, mas se o 25 de Abril representa democracia, liberdade e a consciencialização das pessoas sobre deveres, como o de votarem, a frase é válida.

Mas já a tinha ouvido?

Já, mas nunca tinha pensado sobre ela. Há milhentas maneiras de interpretá-la: se significa nacionalizar todas as indústrias, tirar os bens às pessoas: não muito obrigado. O 25 de Abril, de certa forma, também tem duas faces. ■

